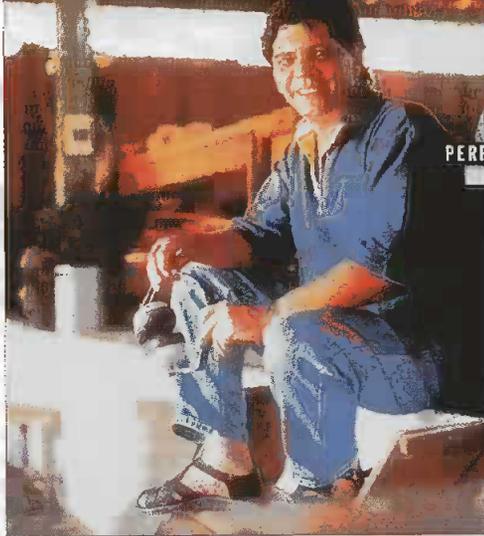




ÍCONE
O banco Ressaquinha é um de seus projetos mais famosos



PERFIL MAURÍCIO AZEREDO

- **Nascimento**
Em Macaé (RJ), em 12 de abril de 1948.
- **Formação**
Arquitetura e cinema.

EM PIRENÓPOLIS,
num belo ateliê

DESIGN

Com a cara do Brasil

Masp abre seus salões para os premiados móveis do arquiteto Maurício Azeredo

Num primeiro olhar, é a harmonia entre formas e cores que se destaca nos móveis contemporâneos criados pelo arquiteto e designer fluminense Maurício Azeredo. Uma observação mais atenta, porém, revela detalhes que fazem de suas peças verdadeiras obras de arte. Inspirados na cultura do povo – da cestaria indígena ao chorinho dos becos cariocas –, seus móveis portam a beleza das esculturas sem perder a dimensão de conforto. “Preocupome em dar a eles um estilo brasileiro”, sintetiza Azeredo. Premiadas pelo Museu da Casa Brasileira e pela Bienal Brasileira de Design, 50 peças de sua autoria estarão, a partir de terça 9, na mostra *Maurício Azeredo – 25 Anos de*

Design, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp). Iluminam um trabalho extremamente elogiado por entendidos, mas ainda desconhecido do grande público.

Bem instalado no ateliê que montou em meio ao casario antigo da cidade goiana de Pirenópolis, a 165 quilômetros de Brasília, Azeredo trabalha sem pressa. São necessários, em média, 90 dias para que seus esboços transformem-se em bancos, mesas, cadeiras e gaveteiros, num delicado labor artesanal. “Gosto de seu trabalho porque ele tira partido da cor brasileira como poucos”, diz a escultora paulista Lygia Reinach, que tem em casa móveis assinados pelo designer. Hoje, o

mobiliário de Azeredo cruzou fronteiras e aparece em endereços de bom gosto nos Estados Unidos, na Europa e até na distante Malásia. Em todos eles, notam-se as marcas registradas do criador: em vez de verniz, ele prefere a cera natural como acabamento. Em vez de pregos e colas, os encaixes feitos na própria madeira.

A matéria-prima utilizada o confirma como um conhecedor profundo da flora brasileira. Não é à toa que, em sua oficina, empilham-se tábuas de marupá, pau-ouro e andiroba, entre outras espécies. São madeiras nativas, nem sempre valorizadas por moveleiros. “Busco árvores que acabam sendo desperdiçadas em queimadas ou que apodrecem em áreas de desmatamento”, explica. Com isso, o artista poupa as espécies ameaçadas de extinção, como o mogno, por exemplo.

Azeredo já andou pela Amazônia e Mata Atlântica, mas, atualmente, tornou-se frequentador assíduo das áreas de demolição, onde sempre encontra madeira da boa, pronta para ser reaproveitada. Ensina que, tal como o carinho, a madeira terá sempre novos encantos a revelar. O resultado desse “namoro” chega ao mais importante museu paulista, sem pudor. ■

JOÃO LUIZ VIEIRA

Fotos: divulgação



MESA BABANLÁ, premiada na Bienal Brasileira de Design, em 1992



ORIGEM
O croqui ao lado transformou-se na mesa *Águas de Março*